



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

FRANCIELLE WILZE PRATA ALMEIDA

**EVENTOS DE PROTESTOS: POLARIZAÇÃO POLÍTICA E O USO DAS REDES
SOCIAIS**

São Cristóvão/SE
2019

FRANCIELLE WILZE PRATA ALMEIDA

**EVENTOS DE PROTESTOS: POLARIZAÇÃO POLÍTICA E O USO DAS REDES
SOCIAIS**

Monografia apresentada para o curso de Ciências Sociais Bacharelado, Universidade Federal de Sergipe - UFS, como requisito para a obtenção do título de Bacharela em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Wilson José Ferreira de Oliveira

Coorientador: Prof. Dr. Ivan Fontes Barbosa

FRANCIELLE WILZE PRATA ALMEIDA

**EVENTOS DE PROTESTOS: POLARIZAÇÃO POLÍTICA E O USO DAS REDES
SOCIAIS**

Projeto apresentado ao departamento de ciências sociais da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Ciências sociais.

Aracaju, _____ de _____ 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ivan Fontes Barbosa (UFS)

Prof. Dr. Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia (UFS)

Doutoranda Adrielma Silveira dos Santos (UFS)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro momento gostaria de agradecer a minha família que esteve apoiando as minhas decisões ao longo deste caminho, em especial às mulheres da minha vida: mãe Cleide, minha avó Antônia e minha tia Finha que sempre me motivaram a não desistir da minha formação enquanto pessoa e profissional. Agradeço também aos meus irmãos Francisco e Fernanda, meu avô, meu pai, meus tios e primos, Melque e Mikael. Todos eles estiveram ao meu lado nas horas difíceis e comemorando ainda mais a cada conquista. O trajeto para chegar até a culminância deste curso foi árduo, conflituoso e desafiador, porém ao mesmo que tenha me causado transformações inúmeras, sendo elas boas ou ruins, foi de uma satisfação inenarrável ter chegado ao fim e ao começo de uma nova etapa.

Agradeço demasiadamente à Universidade Federal de Sergipe por proporcionar o espaço de acolhimento e abertura de novos horizontes nos caminhos do conhecimento. Além disso, por ter proporcionado a experiência de pesquisar junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e auxílio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), ao Laboratório de Estudos do Poder e da Política (LEPP), grupo no qual fiz e faço parte durante todo o meu percurso, não deixando de externar o quanto foi engrandecedor e indispensável para minha formação, desde as primeiras leituras e discussões até o trabalho que finalizo o curso.

Ao Prof. Dr. Wilson José Ferreira de Oliveira, coordenador do LEPP e meu orientador, agradeço imensamente por todos os ensinamentos e oportunidades ofertadas. Também não posso deixar de agradecer a todos os meus parceiros de laboratório e em especial a parceria com Adrielma Santos, que auxiliou na minha orientação de pesquisa.

Grata ao Departamento de Ciências Sociais (DCS) e aos professores que durante todo o curso dividiram seus conhecimentos e experiências. Em especial aos professores, Prof. Dr. Ivan Fontes Barbosa, por ter ajudado muito na finalização do curso nos quesitos institucionais e dividindo seu conhecimento e Prof. M.e. Caio Amado, pelos ensinamentos passados.

Sou grata também aos meus amigos que me acompanharam nos altos e baixos, aos amigos conquistados na universidade e no Centro Acadêmico Caio

Amado (CACAM), juntos sempre no lugar favorito “varandinha”, vocês são muito importantes para minha formação. Aos amigos e professores da vida que me acompanham e em especial a Sarah Freire, Júlio César, Jeisa Raiana, Rose Bonifácio, Isabel Carvalho, ‘Terceirão’ e Alessandro Silva. Finalizo agradecendo a todos que contribuíram na minha trajetória de vida de forma indireta ou diretamente. Muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a investigação das condições de emergência e das dinâmicas de transformação dos movimentos sociais e formas de participação política (eventos de protestos) na defesa de causas públicas no histórico recente do Brasil. O ciclo de protestos de 2013 constituiu um marco de consolidação de repertórios organizacionais e formas de participação política. Tem também correlação com o recurso da internet, as redes sociais e a adesão pelos movimentos e atores. É tomada a proposta do recorte nos protestos pró e contra o governo da ex-presidente Dilma Rousseff, ocorridos no Brasil entre 2015 e 2016. Com o intuito específico de analisar as relações entre as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e os protestos, evidenciando a chegada de novos padrões de organização nas formas de mobilização, relações de grupos. Destacando também as circunstâncias de variabilidade de pautas levantadas durante as mobilizações de ambos os lados, além das pautas como contra corrupção que recebeu destaque, tornando-se assim uma evidência entre os envolvidos.

Palavras-chave: Eventos de protestos, Redes Sociais, Repertórios Organizacionais.

ABSTRACT

The aim of this study is to investigate arising conditions and dynamics of transformation of social movements, as well forms of political participation (protests events) in the defense of public causes in the recent history of Brazil. The cycle of protests in 2013 constituted a framework for the consolidation of organizational repertoires and forms of political participation. Correlating the internet resource, social networks and the adhesion to the movements and actors. The proposal of a clipping in pro-government and anti-government protests by former President Dilma Rousseff in Brazil between 2015 and 2016 is taken. Specifically trying to analyze the relations between information and communication Technologies, and the protests, evidencing the arrival of new patterns of organization in the forms of mobilization, group relations. Also highlighting the circumstances of variability of guidelines raised during the mobilizations of both sides, in addition to the anti-corruption guidelines that have been highlighted, thus becoming evidence among those involved.

Keywords: Protests events, Social networks, organizational repertoires.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
‘JORNADAS DE JUNHO DE 2013’	10
“NÃO VAI TER COPA” E ELEIÇÕES 2014	13
METODOLOGIA	15
CAPÍTULO 1: APROFUNDAMENTO TEÓRICO	19
CAPÍTULO 2: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DOS PROTESTOS E IMPEACHMENT DA EX-PRESIDENTE DILMA	25
PROTESTOS PRÓ-IMPEACHMENT E PROTESTOS CONTRA O IMPEACHMENT DA EX-PRESIDENTE DILMA ROUSSEF	29
RECURSOS APRESENTADOS DURANTE OS PROTESTOS POR AMBOS OS GRUPOS	32
MOVIMENTOS PRÓ-IMPEACHMENT	33
MOVIMENTOS CONTRA O IMPEACHMENT	35
PROTESTOS EM SERGIPE	37
CAPÍTULO 3: A ÓTICA DOS ENVOLVIDOS	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

INTRODUÇÃO

As ciências sociais abordam as dinâmicas de ações coletivas de diferentes formas, sejam elas teóricas e metodológicas. Os temas vinculados aos movimentos e lutas sociais, além de serem temas bastante difundidos são temas valorizados nas ciências sociais e nos ajudam a compreender com as produções como essas configurações enfatizam a ideia de identidade nacional, cidadania, dentre outros temas.

O projeto aqui apresentado resulta do interesse fomentado durante a graduação em trabalhar e analisar os desdobramentos das ações coletivas e os processos das causas públicas no histórico recente brasileiro. No decorrer da graduação foi desenvolvida juntamente à iniciação científica no Laboratório de Estudos do Poder e da Política (LEPP), o projeto aqui apresentado, mostrando-se como um dos desdobramentos das linhas de pesquisas apresentadas pelo laboratório, sob a orientação do Professor Dr. Wilson José Ferreira de Oliveira.

Sendo assim, ao ter estudado e analisado trabalhos produzidos (gramáticas e literaturas) sobre o tema, fomentando bibliograficamente, percebo a necessidade de análise dos protestos em torno do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, abordando assim as dinâmicas e os discursos analisados sobre a anticorrupção e democracia, demonstrando temas centrais abordados de maneiras diferentes pelos grupos envolvidos. E, também, levantando a hipótese de uma continuidade e descontinuidade dos eventos, evidenciando as formas de quando esses mecanismos são ou não acionados, relacionando assim as relações entre atores civis, movimentos sociais e Estado.

”Um movimento social é definido, então, como uma “interação contenciosa”, que “envolve demandas mútuas entre desafiantes e detentores do poder”, em nome de uma população sob litígio. Estado nacional e movimentos sociais não são, então, atores, mas formas de ação coletiva.” (TILLY, 1993 Apud, ALONSO, 2009.p.56).

As redes sociais são caracterizadas como teias de ligações físicas, estruturalmente se manifestam pela reação individual quando esses laços são acionados (JASPER, 2016), diferentemente das redes sociais aqui abordadas que também servem de conexão entre os indivíduos, porém são difundidas no campo da internet, online-off-line, e também se manifestam nas várias criações de grupos com abrangências diferentes, redes de relacionamento, de trabalho, de informação, por

exemplo, sendo descentralizada e facilitando o acesso.

Tendo em vista a adesão dos movimentos sociais e atores civis envolvidos das redes sociais, é necessário propor também a discussão do uso das redes sociais, a partir dos movimentos e atores civis, com o objetivo de analisar as mudanças ocasionadas nas relações sociais, fomentando assim uma contribuição aos conhecimentos dos novos horizontes ocupados pelos movimentos sociais e o uso de novas ferramentas como as redes sociais e seus novos atores e grupos.

A delimitação do problema ocorre da necessidade de ser explanada a área de estudo pretendida, sendo esta relacionada ao histórico recente de ações coletivas, que são caracterizadas por assumir diversas e diferentes formas, sejam elas institucionalizadas ou não. Tendo na ação coletiva de confronto a mais utilizada pelos movimentos sociais e afins, não vinculando necessariamente à violência, pois além de confrontar os movimentos, organizam-se, elaboram ideologias e mobilizam para a construção das identidades coletivas, (TARROW, 2009), e suas dinâmicas. Atentando-se aos protestos, ocorridos pós ‘Jornadas de Junho de 2013’, nos anos seguintes de 2015 e 2016, os protestos intitulados contra o impeachment e a favor do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, demonstrando um período de protestos recorrentes e acionamento de repertórios de ação, evidenciando ciclos de protestos.

Os ciclos de protestos são construídos em momentos que as ações coletivas estão acontecendo com maior intensidade. Os repertórios de ação acabam caracterizando – com influência do ambiente externo – ao ponto do surgimento das oportunidades na medida em que elas amplificam-se e demonstram força enquanto forma de contestação. Os ciclos não acontecem apenas de maneira contagiosa, abrangem também racionalmente, cumprindo as oportunidades existentes e acionando ações coletivas (TARROW, 2009).

‘JORNADAS DE JUNHO DE 2013’

As manifestações que ocorreram em várias partes do mundo após o ano de 2008, como ‘Occupy Wall Street’ em Nova Iorque (2011) e a ‘Primavera Árabe’ que eclodiram em vários países, dentre eles, Egito e Tunísia (2011), deixaram um traçado de características aderidas. As jornadas não foram especificidade brasileira, o mundo começou a sair às ruas com suas reivindicações nos punhos e cartazes. Os chamamentos, as divulgações e organizações utilizaram-se de uma ferramenta

que tomou força em vários aspectos nas relações humanas: as redes sociais.

No ano de 2013 uma enxurrada de manifestações e protestos tomaram as ruas de inúmeras cidades e capitais brasileiras, o que ficou conhecido como “As jornadas de Junho”. Essas manifestações que tiveram – inicialmente – como pauta central o reajuste de tarifas do transporte público, inicialmente chamada pelo Movimento Passe Livre (MPL), logo demonstraram outras insatisfações que vieram também a serem reivindicadas, trazendo assim uma variabilidade de pautas a serem evidenciadas e atendidas por diferentes grupos organizados.

Essa tomada das ruas também nos revelou novas dinâmicas de ações coletivas, como o chamamento de mobilizações via rede social em eventos marcados no Facebook, especificando local e hora do acontecimento, além de demonstrarem respostas de aceitação e recusa rapidamente do público.

Organizações como MPL que – inicialmente – encabeçaram as mobilizações voltadas à causa do aumento de tarifa do transporte público, logo tomaram rumos maiores e adesão de novos atores políticos, como civis que não se colocavam pertencentes a movimentos, além de evidenciarem a forma que tiveram conhecimento, sendo esta via a rede social, mostrando assim o que seria uma “espontaneidade” à adesão das mobilizações ocorridas em todo o país.

Todos esses novos aspectos, antes não vistos em movimentações construídas e conhecidas historicamente por movimentos e organizações sociais, trazem novas dimensões a serem analisadas: novas lideranças dos movimentos e/ou grupos envolvidos, além de novas ferramentas que foram apresentadas e incorporadas como as TIC's (Tecnologias de Informação e Comunicação). O uso das novas tecnologias de informação como as redes sociais é evidenciado sendo um tipo de repertório de ação específico e adotado pelas lideranças e organizações nas construções dos protestos.

Neste contexto, as redes sociais cumpriram o papel de fazer os principais chamados e informativos – que foram atendidos – constituindo assim um novo canal para organização das manifestações e dos protestos ocorridos, mesmo esse novo canal não tendo um poder central, já que outras formas de mídia também começaram a se estabelecer durante os protestos com divulgação e acompanhamento jornalístico. Porém, as redes sociais e a internet tomaram e tomam proporções que dificilmente são acompanhadas antes de acontecer o que é proposto (STRECKER, 2011 apud GOHN, 2014).

A utilização dessas ferramentas digitais colocou aos espaços de construção de ações coletivas tradicionais a formulação de inovação de atores participantes e de suas ações, além do agir coletivo demonstrando ter uma característica não hierárquica (GOHN, 2014).

Todo esse fervor ocorrido nas ruas impulsionaram respostas do Estado brasileiro que estava sendo contestado pelas pautas levantadas, sendo estas: a reforma política, a redução das passagens no transporte público, o combate à corrupção, mais segurança, etc. Nas cidades e capitais onde ocorreram atos massivos o Estado reprimiu com violência e prendendo manifestantes envolvidos. A repressão policial fez com que os atos ganhassem ainda mais apoio da população, que julgavam os atos policiais como violentos demais.

Os protestos de Junho de 2013 tomaram um formato violento em atos pontuais, tanto por parte da repressão policial advinda do Estado, quanto os atos caracterizados como vandalismo de alguns grupos inseridos nos protestos. Para tentar apaziguar o fervor do mês de Junho, marcado pela ida de massas às ruas reivindicando melhorias e demonstrando explicitamente a insatisfação com o então governo, o Estado – além da repressão nas ruas – também começou a dar respostas ao que se era reivindicado. Para isso, a então presidente Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores-PT) pronunciou-se e comandou reuniões com ministros, governadores e prefeitos em caráter de emergência para o que seria atender às principais reivindicações.

‘Junho de 2013’ culminou com um saldo de desafios para análises, tornando-se complexo compreender o que aconteceu, tendo em vista que novas e inúmeras dinâmicas aconteceram em meio a essas manifestações. A variabilidade de motivos que incrementavam e motivavam os agentes nas ruas formaram uma enchente de informações e o sentido de que não se sabe muito bem como tudo foi orquestrado.

Em uma entrevista a BBC NEWS/Brasil (2018) a socióloga Ângela Alonso, quando questionada sobre se as Ciências Sociais já haviam apontado entendimentos sobre o que aconteceu durante as jornadas de 2013, responde que as ciências sociais desenvolveram – sobre o mesmo tema – linhas de análises e pesquisas que perpassam desde o que o produziu e fomentou o Junho de 2013 até análises de quem seriam esses novos atores e grupos sociais. Em consonância com isso, surgiram novas investigações sobre as novas mídias, além do aparecimento de novas bandeiras e atores, como a direita.

Outra linha a qual Ângela Alonso se identifica é a que retrata o entendimento do processo, tentando demonstrar como aparecem os atores, desde os que iniciaram os protestos com pautas mais horizontais e de maior abrangência como a do transporte público e a corrupção. Há atores que se colocavam mais à esquerda, pedindo melhorias e garantias de direitos, além de outros grupos que eram identificados como diferentes e menos organizados, sendo demonstrados pela autora “três campos” de grupos envolvidos.

Os novos temas em decorrência do ciclo de protesto não apontam apenas um fator ou único ator responsável, criticando, por exemplo, o protagonismo dado ao MPL. Tendo assim variações de grupos formados que vão protagonizar outras ações e mobilizações, como o MBL (Movimento Brasil Livre), o movimento Vem Pra Rua e Revoltados Online.

“NÃO VAI TER COPA” E ELEIÇÕES 2014

As eleições para presidente em 2014 ocorreram num cenário ainda muito conturbado, levando em consideração as formas em que o governo vigente foi contestado, além do aumento no índice de desaprovação. Mesmo assim a então presidente foi reeleita. Todo esse turbilhão de informações encaminhou a um contexto de “crise política” no país, impulsionando os protestos que ficaram mais consistentes, mais posicionados e apontaram grupos, demonstrando uma forte polarização. Um cenário diferente das jornadas de Junho, que demonstrava uma variabilidade de pautas e grupos envolvidos.

Em 2015 e 2016, anos seguintes, opunham-se movimentos contrários e insatisfeitos com o governo, organizados por uma classe média-alta autointitulada de “DIREITA” e uma esquerda que defendia o governo e pautas de melhoria de redistribuição de direitos e justiça social. Essas organizações e mobilizações fortemente polarizadas intensificaram e esteve articulada ao processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff (PT).

No texto "CorruPTos" Um ensaio sobre protestos à direita no Brasil (2007-2015)", de autoria de Luciana Tatagiba, Thiago Trindade e Ana Claudia Chaves Teixeira é posto que nos protestos no ano de 2015 também não tem facilidade de identificar as participações dos atores e grupos envolvidos. Porém, diferentemente de outros momentos vividos pelo país na história recente, pode-se identificar que não são setores da esquerda e nem movimentos que estão à frente dos mesmos,

exclusivamente, mas sim uma classe com forma de organização diferentes e que convocam protestos contra o governo. Tendo êxito nas convocações, sendo estas manifestações ligadas ao cenário político das eleições que tinham ocorrido recentemente (2014), apontando assim um dos focos das manifestações à insatisfação ao então governo.

As pautas abordadas no contexto dos protestos pró e contra o impeachment (2015/2016), mesmo com a pauta central, também apresentaram uma variabilidade. Ambos os movimentos defendiam o direito de estarem nas ruas manifestando-se, dando ênfase à democracia e seu uso, ambos demonstravam-se contra a corrupção, etc. Porém os movimentos destacavam-se de maneiras diferentes nas colocações de suas pautas. Mesmo evidenciando pontos em comum, distanciavam-se nas abordagens e reivindicações.

Nos grupos posicionados pró-impeachment, a articulação consistia na defesa que o processo era legal, previsto em constituição e colaborava para manutenção da democracia. Colocava também que os casos de corrupção estavam ligados em muito aos governos do PT, além da defesa a Lava Jato (investigação comandada pela Polícia Federal, que investiga casos de corrupção). Já os movimentos contra, levantaram que o impeachment arquitetado era “golpe”, infligindo assim à democracia, defendendo o governo Dilma. Defendiam também que os casos de corrupção fossem investigados, mas afirmavam que a Lava Jato não estava sendo imparcial, culpavam a mídia hegemônica, demonstrando assim uma defesa pela continuidade do governo.

Com todos os cenários postos é possível correlacionar os protestos de 2013 – mesmo estes tendo perdido um pouco da massificação dos atos – pois ocorreram outras tantas manifestações ao decorrer do ano de 2013. Após o mês de Junho, no ano de 2014 as ruas foram tomadas novamente com os protestos contra a Copa do Mundo, o “Não vai ter copa” que ocorreu no mesmo ano. Nos anos seguintes (2015 e 2016), os protestos contra e pró o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff ocorreram com as características das dinâmicas utilizadas correlacionando com o histórico recente de protestos no país, demonstrando uma ideia de continuidade e descontinuidade das dinâmicas de protestos.

As análises dos eventos de protesto nos ajudam a compreender as transformações das características de repertórios de ações coletivas, ou seja, ações ramificadas em ações diretas e representações (TILLY, 1978 apud ALONSO, 2009)

como o surgimento de novos grupos. Estes grupos caracterizavam-se com uma vertente ideológica a “direita” e incorporaram formas de protestos que antes eram considerados – historicamente – como práticas de esquerda, como o uso de cartazes, pichações e etc. (TATAGIBA, TRINDADE, TEXEIRA, 2015).

Juntamente com as formações das dinâmicas de ações coletivas, por exemplo, os novos atores inseridos que se identificavam enquanto civis e não tinham vinculação com movimentos sociais, porém começavam a participar de mobilizações e protestos, variabilidade de pautas apresentadas numa só manifestação, além do uso das redes sociais para chamamento e mobilização.

Sendo assim é demonstrado que, desde as jornadas de Junho de 2013, o país tem registrado uma crise política formada – em primeiro momento – por uma enxurrada de informações e mobilizações e nos anos seguintes assumindo uma disponibilidade de grupos organizados de diferentes ideologias, formando uma polarização para disputa da “arena pública”.

Para tanto, esta pesquisa tem como objetivo investigar e analisar o contexto apresentado acima, que são as diferentes dinâmicas acontecidas em protestos e manifestações ocorridos pós-jornadas de 2013, com um recorte espacial e temporal no estado de Sergipe nos anos de 2015 e 2016, protestos contra e pró-impeachment. Busca-se evidenciar o uso das redes sociais como forma de mobilização, recrutamento e difusão de ideias, levando em consideração a abordagem dos grupos envolvidos sobre o tema. Além de compreender os posicionamentos e abordagens dos grupos sobre temas em comuns como a anticorrupção e democracia.

METODOLOGIA

A pesquisa aqui apresentada foi feita em três fases. Na primeira etapa foi efetuada uma revisão bibliográfica para melhor situar-se no tema abordado, além de catalogação de notícias sobre protestos ocorridos em jornais eletrônicos, páginas do Facebook do Movimento Brasil Livre e da Frente Brasil Popular, onde ocorreram os principais chamamentos dos movimentos para os protestos pró e contra impeachment.

Montando assim um banco de dados no SPSS dos protestos ocorridos entre 2015 e 2016, organizando um mapa das principais organizações, atores e eventos vinculados aos protestos. Esse mapeamento possibilitou também melhor

visualização dos recursos utilizados e adotados pelos atores envolvidos, como faixas, trajetos e locais das manifestações, acesso às redes sociais para divulgação tanto para o chamamento da manifestação em si, quanto para transmissões ao vivo pelo Facebook, dentre outros.

Durante a segunda fase – tendo em vista observações feitas durante os protestos ocorridos na cidade de Aracaju nos anos de 2015-2016 com protestos pró e contra o impeachment da ex-presidente Dilma – retornou-se ao diário de campo montado durante os eventos. Com entrevistas sem um roteiro estabelecido, que serviram para sondar o universo da pesquisa, foram feitas entrevistas exploratórias com 11 participantes, sendo elas com 7 (sete) participantes contra o impeachment e 4 (quatro) a favor do impeachment da ex-presidente Dilma. Foram feitos também registros de imagens e gravações para contribuir e analisar os protestos.

Esse aglomerado de informações possibilitou a análise de perfis de participantes dos eventos de protestos, sondando as idades, profissões e a motivação de estarem presentes nos atos. As respostas demonstraram o envolvimento com a causa dos protestos de ambos os lados, mostrando também se eram ou não participantes de movimentos sociais.

Já na terceira fase foram feitas 3 (três) entrevistas semiestruturadas, ou seja, abertas a perguntas. Além do roteiro, estas também foram realizadas com participantes dos protestos pró e contra o impeachment, sendo uma entrevista com participante pró e duas com participantes contra. Através das transcrições das entrevistas, foi possível melhor analisar os atores sociais, os discursos divergentes e convergentes entre os participantes e como foram utilizadas as redes sociais.

Além de utilizar o programa de computador na formulação da pesquisa, foi formado um banco de dados no SPSS contendo informações como: nome, idade, formação, emprego, renda, participante de movimento. Estas classificações foram usadas para identificar o perfil do participante e para acompanhar os registros das manifestações utilizando classificações tais como: jornal online, movimento, itinerário, local, data, etc. O que possibilitou a construção de tabelas e cruzamento de variáveis existentes com o intuito de abordar o universo da pesquisa. As catalogações dos dados proporcionaram a formulação e fomentação de análises, identificando lideranças, movimentos que encabeçaram os protestos e manifestações, movimentos apoiadores, como o tema anticorrupção foi abordado, dentre outros elementos.

Levando em consideração as fases acima apresentadas, foi alcançado – em primeiro momento – um aprofundamento teórico, sendo esta uma etapa primordial para melhor situar os objetivos de abordagem sobre o tema apresentado, elaborando hipóteses e testando-as. Logo após, foi feita a catalogação formando um mapa de protestos ocorridos entre 2015 e 2016, para melhor visualização de lideranças, grupos, ferramentas utilizadas e até mesmo o local de ocorrência dos protestos.

Na terceira fase teve como opção fazer entrevistas semiestruturadas na qual foram utilizados questionários escritos, mas com a possibilidade de abertura para além dos questionários, estabelecendo um diálogo com o entrevistado, (MAY, 2004), aumentando assim a amplitude das entrevistas, auxiliando a análise do que foi proposto.

Para dar continuidade a este trabalho, serão desenvolvidos três capítulos com o intuito de sistematizar as análises feitas durante o percurso desta pesquisa. Será exposto no primeiro capítulo o histórico recente dos eventos de protestos brasileiros até os intitulados pró e contra o impeachment da ex-presidente Dilma (2015-2016) para situar-se ao cenário em que os protestos aconteceram.

No primeiro capítulo deste trabalho será feito o apanhado dos eventos de protestos ocorridos nos anos de 2015 - 2016, correlacionando com os referenciais teóricos para melhor aprofundamento nas teorias dos movimentos sociais, ações coletivas e o uso de novas ferramentas como as redes sociais.

Será discorrido na segunda parte – após o apanhado histórico – como os protestos se deram no contexto nacional e na cidade de Aracaju, explanando, através dos dados recolhidos, quais os locais ocorridos, a quantidade, as redes sociais mais acionadas, os atores e grupos envolvidos, as divergências e convergências entre os lados postos, dentre outras situações, para melhor compreender as dinâmicas.

No terceiro e último capítulo serão explanadas as análises sobre os assuntos abordados nos capítulos anteriores, evidenciando os perfis dos atores envolvidos e utilizando-se de entrevistas feitas a atores presentes nos protestos pró e contra o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, dando voz ao agente e compreendendo a formação e utilização das ações e dos espaços pela ótica dos envolvidos.

Sendo assim, a pesquisa aqui apresentada demonstrou interesse em abranger

e compreender o impacto existente nas relações entre ações coletivas e o uso das redes sociais, com a correlação dos eventos de protestos acontecidos no Brasil nos últimos tempos, como novos atores surgiram, as dinâmicas utilizadas, dentre outros. Além do objetivo de fomentar a produção da área e trazer uma visão sociológica do tema abordado.

CAPÍTULO 1: APROFUNDAMENTO TEÓRICO

Os protestos ocorridos nos últimos anos no Brasil em que inúmeras pautas foram reivindicadas por aqueles que tomaram as ruas em protestos e manifestações públicas significativas, nos desdobramentos das jornadas de Junho de 2013. Caracterizando-se por manifestações com novos atores, organizações, movimentos sociais e grupos que se articularam em sua maioria com o uso das redes sociais (Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs). Este capítulo pretende correlacionar as teorias sobre ações coletivas, movimentos sociais e seus desdobramentos, para melhor aprofundamento no objeto abordado, os protestos contra e pró o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, a polarização política e o uso das redes sociais.

Os movimentos sociais caracterizam-se por atribuir historicamente sentido em reivindicações fora do âmbito institucional, formado por atores envolvidos em grupos organizados e que nem sempre existiu (TILLY, 1978 apud ALONSO, 2009). As teorias que servem para melhor situar os estudos sobre os movimentos sociais e seus desdobramentos, servem para acompanhar as novas dimensões aos quais os movimentos tomaram, saindo da luta de classes (viés Marxista) e envolvendo emoções, ou seja, quando as mobilizações coletivas tomam forma e significados além da produção industrial e trabalho. Novos grupos são acrescentados, ao ponto que também houve a racionalização dos movimentos, fugindo da ideia de revolução e tornando-se contestatório (ALONSO, 2009).

A Teoria de Mobilização de Recurso (TMR) definiu o objeto, racionalizando o fazer política, criando recursos e coordenando as ações, quanto mais antigos os movimentos mais burocráticos (McCARTHY e ZALD, 1977 apud ALONSO, 2009). Contudo a TMR apoiou-se no lado racional da ação coletiva e recursos materiais, não abrangendo as novas formas que os movimentos sociais estavam abarcando, por exemplo, a cultura. Já a Teoria dos Processos Políticos (TPP) coloca a cultura na formação da explicação e abrange que o movimento social se torna envolto de oportunidades políticas favoráveis e desfavoráveis que influem e contornam as escolhas dos agentes da ação. A Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNMS) acolhe simbolismos e cognição, ou seja, englobam as emoções coletivas no conjunto da definição dos movimentos sociais e dá menos atenção ao campo político, aonde acontece os interesses e recursos (ALONSO, 2009).

Os movimentos sociais estão relacionados aos repertórios de ação, que consiste em recursos utilizados e significados pelos agentes e é vinculada à característica de adesão e longa duração. Os repertórios de ação são aprendidos e repassados pelos agentes, além de fazer parte de escolhas dos tipos de repertórios que serão utilizados e os que mais encaixam com o objetivo. Sendo assim, os agentes atribuem sentido às formas para contestação ou retorno da ordem (TILLY, 1995 and ALONSO, 2009). Fazendo conexão com o tema abordado nesta pesquisa, por exemplo, o uso das redes sociais como forma de engajamento, divulgação e recrutamento de agentes, é uma tipificação de repertórios de ação aderidos pelos movimentos, dando sentido e finalidade.

Os protestos são muito ligados aos movimentos sociais, movimentos de protestos, mas não necessariamente existe a necessidade do movimento para que o protesto aconteça. Essa relação torna-se mútua pelo fato de que os movimentos sociais assumem o protesto com maior frequência como forma de contestação e impacto, além dos protestos exercerem significado, cultura e emoções, que levam ao movimento – em sua maioria – traçar um planejamento estratégico e chegar ao objetivo (JASPER, 2016).

A cultura apresenta pensamentos em comum, emoções, sentimentos e moralidade que refletem na tomada de decisões físicas, ou seja, apontam as formas que as ações irão aparecer nos manifestantes. A cultura se destaca em três elementos – segundo James M. Jasper – cognição, é composta pelas expressões, sejam elas faladas, palavras, discursos e/ou crenças que são desenvolvidas sobre o mundo, o que pode caracterizar grupos, por exemplo. Outro elemento que compõe a cultura são as emoções, humanizando mais os atos dos envolvidos, tornando-se mais real e está ligada ao pensamento consciente. Por último, a moral destaca-se pelo conjunto de princípios e intuições, o que levam as pessoas ao envolvimento político, a guiar as ações e ajudam na distinção do que é certo ou errado. Estes elementos são apresentados no concreto na maioria das vezes em ações e declarações (JASPER, 2016). É possível observar tais descrições nos protestos pró e contra o impeachment, seja nos cartazes ou nos gritos de ordem, que apresentaram frases, “BASTA”, “TCHAU QUERIDA” ou “NÃO AO GOLPE”.

Os protestos – além da cultura – apresentam a não cultura, que corresponde a tudo aquilo que não está ligado às interações e ações, como os recursos utilizados para montagem, seja dinheiro ou outro tipo de material que auxilie. Trata também as

arenas, que são os pontos estratégicos aonde acontece, relacionando aos recursos e orientado por regras e tradições formais e informais. E, por último, os indivíduos que apresentam as suas vivências individuais, tratando de psicologia, por estar ligada à percepção de cada um (JASPER, 2016).

A ação coletiva convencional, por sua vez, está vinculada a ações com menos riscos e que – tradicionalmente – já foi incorporada pelos agentes. Essas ações são de menores confrontos e, com isso, tendem a atingir e reunir números maiores. Um exemplo de ações coletivas convencionais são as greves, que tradicionalmente são acionadas em ações coletivas (TARROW, 2009).

A cultura da ação coletiva é feita de quadros interpretativos e de emoções que visam tirar as pessoas de submissão, mobilizando-as para a ação em cenários conflituosos. Os símbolos são extraídos seletivamente de um reservatório cultural pelos líderes do movimento e combinados a crenças orientadas para a ação, de modo a navegar estrategicamente em meio a um paralelogramo de atores, que vai desde estados e oponentes na sociedade até militantes e populações-alvo. O mais importante é que a eles é dada uma valência emocional que visa converter a passividade em ação (TARROW, 2009. p.146).

Tendo em vista que esse trabalho enfatiza o uso das redes sociais e as diferenças causadas nos protestos com a adesão dessa nova ferramenta, as redes sociais servem de conexão com o mundo externo. Os indivíduos interligam-se através do campo da internet, online-off-line, efetivando-se com a presença de diferentes grupos e montando redes. De relacionamentos, informação, de fácil acesso de conteúdos e descentralização de poder. Redes sociais também são caracterizadas como teias de ligações físicas e estruturalmente se manifestam pela reação individual quando esses laços são acionados (JASPER, 2016).

“Primeiramente, é necessário entender como funciona essa comunidade. Uma rede é feita por um conjunto de nós, que são elementos que se comunicam entre si. Os nós podem ser qualquer coisa: em uma rede social, por exemplo, as pessoas seriam os nós. Os sites seriam um nó de vários nós e a Internet, conseqüentemente, uma rede de redes. Além disso, as fronteiras das redes são delimitadas pela conexão entre os nós e, como essas conexões podem ser criadas ou eliminadas a qualquer momento, a sua forma vive em constante mutação. As redes não se limitam por barreiras do plano “real”, como as fronteiras entre países ou estados.” Disponível em <<https://medium.com/@jornalismoespm2017.1/a-pol%C3%ADtica-da-sociedade-em-rede-manuel-castells-6dbe70ac1948>> acesso: 17 de janeiro de 2019.

Para melhor compreender as manifestações e protestos ocorridos no Brasil, é importante o acompanhamento de movimentos de lutas ocorridos antes das jornadas de junho de 2013. Para isso em “História dos Movimentos de Lutas Sociais – A Construção da Cidadania dos Brasileiros” de autoria da Maria da Glória Gohn, é

elucidada com o uso da história para um mapeamento cronológico de eventos de ações coletivas que contribuíram para formação de lutas e movimentos pela conquista de direitos, é colocado também que mesmo esses movimentos como, por exemplo, o 'Movimento Estudantil' que ressurgiu durante a década de 1970, enquanto estava ocorrendo uma efervescência de lutas pelo processo de redemocratização do país, assumindo papel importante nas participações em greves, protestos, passeatas, dentre outros. Inclusive estando presente em atos violentos contribuindo para que a população se indignasse ainda mais com os episódios que estavam ocorrendo.

O texto aborda também que a história não recebe a relevância esperada em relação aos movimentos e ações coletivas e são colocados às margens dos acontecimentos históricos nacionais. Outro ponto bastante abordado na leitura é como essas ações coletivas contribuíram para formação de movimentos, manifestos e as consciências sobre cidadania, identidade nacional e liberdade.

Continuando o aprofundamento teórico, outro escrito da Maria da Glória Gohn intitulado, "Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo", serve para uma melhor contextualização do tema abordado relacionando com o histórico recente de protestos acontecidos no Brasil e no mundo. Ressaltando o impacto das Jornadas de Junho de 2013, analisando as especificidades, a tomada às ruas, ocupações e significados, além de tratar os grupos e agentes que estavam presentes e modificando o cenário. Enfatizando que os protestos demonstram que a sociedade não é apática, tornando-se participativa e atuante além dos movimentos.

É importante a compreensão de que os anos anteriores aos protestos contra e pró o impeachment formam o cenário que levam as reações dos anos posteriores.

Outras gramáticas como, o "#VEMPRARUA o ciclo de protestos de 2013 como expressão de um novo padrão de mobilização contestatória?" com autoria de Marcelo Kunrath Silva. Traz uma análise dos protestos de junho de 2013 espalhados em todo país que efetivaram demandas variadas e também demonstra o papel das redes sociais na mobilização e divulgação sendo uma nova ferramenta de utilização, além de evidenciar a velocidade que as manifestações ocorreram e como funcionava a dinâmica de adesão da massa via redes sociais, com as confirmações nos eventos criados no *Facebook*, respostas rápidas, comentários de adesão e rejeição, dentre outras.

Em "Redes de Movimentos Sociais", Ilse Scherer-Warren, demonstra o

envolvimento das TIC's (Tecnologias de Informação e Comunicação), nas lutas e movimentos sociais dos séculos XX e XXI, através do uso das redes sociais; É uma das primeiras literaturas sobre esse novo advento que é introduzido às ações coletivas e movimentos, que influencia e modifica o cenário inserido. Além de demonstrar como as novas lutas de minorias (mulheres, etnias e etc.) tornam-se protagonistas em novos movimentos e em movimentos mais antigos que se adequaram as novas tendências.

Já no texto “Aprendendo a Usar o *Facebook*: O movimento estudantil no Chile e o ativismo digital”, os autores Vilaça, Von Bülow e Abelin, demonstram o ativismo digital com os aspectos do online e o off-line para mobilização, ou seja, as respostas adquiridas via redes sociais, especificando o modo em que o movimento estudantil chileno absorveu o uso do *facebook* em suas práticas e quais os impactos foram apresentados, sendo feito então um mapeamento das ações via *facebook* (fan pages).

No estado de Sergipe, por exemplo, a causa do transporte público enquanto causa pública evidencia-se entre os anos de 2011 e 2013, o que gera publicações, como “Jovens e Militantes: Movimento Estudantil Universitário, juventudes partidárias, e “improvisação” como forma de Ação Coletiva” (2015) com autoria de Adrielma Silveira Fortuna dos Santos, co-autores Jonatha Vasconcelos Santos e Wilson José Ferreira de Oliveira que relatam as ações coletivas geradas por movimentos em protestos e manifestações, além de demonstrar os processos relacionais e processuais de engajamento individual de jovens em partidos e movimentos estudantis e também as redes sociais (*Facebook*, Instagram e etc.) como nova ferramenta de engajamento e divulgação de mobilizações.

Os protestos pró e contra o impeachment também apresentaram em seus desdobramentos variabilidade de pautas e pautas difundidas pelos dois movimentos convergentes, mas com abordagens diferentes, como a pauta sobre corrupção, que foi bastante abordada e apareceu em todos os protestos, tomando destaque de como a pauta estava sendo relacionada por cada movimento. Para tanto leituras sobre a corrupção evidenciam como o tema é relevante e povoam o imaginário dos atores políticos presentes, por exemplo, ao tratar o tema corrupção ligado a moral, guiando as ações dos atores relacionando as intuições (JASPER, 2016).

Correlacionando a corrupção o texto “A economia política da corrupção” de autoria Marcos Fernandes Gonçalves da Silva que trata da vinculação da economia

com a corrupção e também a definição de corrupção associada à noção de instituições e incentivos, tratando como fato econômico social e de ação pública.

Outro texto que também proporciona melhor entendimento sobre o tema abordado é “Cultura política, capital social e percepção sobre corrupção: Uma investigação quantitativa em nível mundial” de autoria Timothy J. Power e Júlio González, que trata a corrupção como uma questão cultural política e demonstra o desempenho de instituições governamentais, evidenciando assim um sistema interligado e como é o modo de fazer “corrupção para fazer acontecer”, esse texto também levanta uma hipótese mundial sobre o tema e fomenta sua colocação com métodos quantitativos e demonstra que a corrupção está diretamente ligada ao tipo de regime político e ao nível econômico do país. O uso dessa literatura contribui para melhor situar o tema e entender o porquê deste ser citado em ambos os protestos, seja em faixas ou gritos de ordem, demonstrando assim as formas que os grupos usavam para abordar o tema.

Todos esses componentes teóricos apresentados durante este capítulo, contribuem para melhor situar o tema aqui difundido, sejam nas características apresentadas, ou na formulação que os protestos tomaram, ou mesmo no envolvimento dos movimentos sociais, o uso das redes sociais e os temas abordados, como a corrupção. No capítulo seguinte será apresentado o contexto quais os protestos pró e contra o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, estavam inseridos e como aconteceram, sejam as dinâmicas apresentadas, os significados apresentados, os posicionamentos, datas, organizações e atores envolvidos, dentre outros.

CAPÍTULO 2: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DOS PROTESTOS E IMPEACHMENT DA EX-PRESIDENTE DILMA

O contexto de ‘crise política’ apresentado durante os eventos de protestos ocorridos nos anos de 2015 -2016 pró e contra o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, apresentam resquícios dos anos anteriores (2013 – 2014), tendo em vista que a insatisfação com o governo da ex-presidente Dilma e o Partido dos Trabalhadores (PT) toma força e tornam-se pauta recorrente durante as “jornadas de junho de 2013” o “não vai ter copa” em 2014, dentre outros. Palavras contra o partido e contra a presidente ecoaram na maioria das mobilizações, a popularidade da presidente despencou consideravelmente, frases como ‘Fora PT’ e ‘Fora Dilma’ estavam espalhadas em cartazes e gritos de ordem.

As jornadas de Junho de 2013 acionaram novamente um clamor nas ruas brasileiras que vinham apaziguadas. Deve-se dar destaque ao Junho de 2013, pois aconteceu em números expressivos e formas de organização diferentes. As mobilizações ocorreram em 12 (doze) capitais brasileiras, além de inúmeras cidades menores. Uma enxurrada de manifestantes, que trouxeram uma dinâmica diferente em suas manifestações, se organizando de maneira descentralizada e com chamamentos via redes sociais e respostas imediatas. Porém é importante a ressalva que a mídia tradicional (televisão, jornais) também divulgou e noticiou as agendas de junho (GOHN, 2014).

As manifestações que tiveram início com a insatisfação no reajuste da tarifa do transporte público e organizadas – em primeiro momento – pelo MPL (Movimento Passe Livre)¹ logo foi ultrapassada por pautas que foram levantadas. Dessa forma, abordando outras temáticas vinculadas aos problemas da sociedade brasileira, a popularidade dos governantes despencou significativamente e a melhoria nos serviços públicos como saúde e educação eram exigidos. O combate à corrupção também virou tema recorrente.

Os atos ocorreram massivamente e com força durante o mês. Praças, ruas e avenidas foram tomadas. A violência com que o Estado respondeu aos atores dos protestos contribuiu para maior aceitação do público e o grito que vinha das ruas fez com que o fluxo de manifestantes aumentasse. O envolvimento dos participantes foi

¹ MPL (Movimento Passe Livre) – Caracteriza-se por um movimento social autônomo, apresenta-se apartidário e organizado por jovens, tem como principal luta a reestruturação do transporte público urbano e pelo direito a cidade. (SARAIVA, 2014).

fervoroso. Frases como “O Brasil acordou” e “Verás que um filho teu não foge à luta” ecoavam nas manifestações. Manifestantes engajados e organizados horizontalmente respondendo com velocidade aos chamados das redes sociais. O uso da hashtag tornou-se um instrumento de organização em comum nas redes e também tomou as ruas em cartazes e palavras de ordem: “Juntos somos fortes”, “#VEMPRARUA” e “VEM PRA RUA, VEM PRA RUA”.

As mobilizações também foram marcadas por violência, tanto por parte da polícia ao enfrentarem os manifestantes quanto os manifestantes a bancos e lojas privadas. Ao mesmo tempo em que tomavam dimensões estupendas, grupos de diferentes posicionamentos ideológicos participavam dos mesmos protestos a ponto de tomarem decisões que não eram compartilhadas pela maior parte dos manifestantes. Grupos como o ‘Black Blocs’², quebraram faixadas de bancos privados, por exemplo.

O apartidarismo foi bandeira permanentemente levantada, chegando a alguns enfrentamentos entre os próprios manifestantes, grupos filiados a partidos que pretendiam levantar bandeira e foram impedidos. A bandeira que era usada com permanência entre os protestos era a bandeira do Brasil.

Na realidade brasileira, de concreto, observa-se que o impacto das mobilizações de Junho apresentou alguns resultados. Em primeiro lugar, demonstrou que a sociedade não é amorfa e apática, que o cenário de atendimento dos serviços públicos não é bom, que há sensibilidade e acompanhamento da sociedade na vida pública dos dirigentes – desmandos, falta de ética, de decoro e etc. não são invisíveis. Há vigilância sim! Em segundo lugar, as mobilizações de junho têm levado a tentativas de mudança na agenda governamental, ainda que resultados concretos só possam vir a ser obtidos a médio prazo. Projetos engavetados foram resgatados, medidas administrativas aceleradas, muitas delas de forma desorganizada, com relação a área da saúde, levando a organização dos profissionais da área as ruas, em novas manifestações. Tudo isso em um cenário conturbado, com muito marketing e luta política em ano de eleições nacionais (GOHN, 2014. p.14).

Após o mês de Junho de 2013 a dúvida que pairava era o que viria depois desse “boom” de mobilizações. Quais os resultados dessa tomada das ruas? O

² Black Blocs – Criado na Alemanha em meados de 1980, posiciona-se contrário aos ideais capitalistas. É conhecido por suas táticas de defesa de manifestantes. Nas manifestações de Junho de 2013, o grupo que se vestia de preto e usavam máscaras, a partir do aumento da violência durante os protestos passaram a ser linha de frente, em ato simbólico para proteção dos outros manifestantes que viam atrás, e afirmavam que depredação não é violência, mas sim uma intervenção simbólica que vai de encontro ao capitalismo e ao seu maior símbolo que é a propriedade privada e comparam também com que violência é o que os policiais fizeram durante o Junho de 2013. (FIUZA, 2013. Disponível em: <<https://www.viomundo.com.br/politica/black-blocs-a-origem-da-tatica-que-causa-polemica-na-esquerda.html>>)

governo atendeu algumas pautas para conseguir diminuir o impacto do momento. Medidas como a criação do programa Mais Médicos (PMM)³, o arquivamento da PEC 37⁴, a emenda constitucional que retira o poder de investigação do Ministério Público (MP), que eram pautas reivindicadas durante os protestos e foram atendidas.

O ano de 2013 ficou marcado e o mês de Junho foi o mais relevante possível, porém o ano findou com o saldo da euforia das jornadas, mas sem mobilizações expressivas em seu término. Já no ano seguinte (2014), ano de eleições nacionais, o Brasil era o país sede da Copa do Mundo e mobilizações com o lema “Não vai ter copa” percorreram novamente nas ruas, mais uma vez chamadas pelas redes sociais como o Facebook⁵.

O ano de 2014 foi bastante conturbado. O país sediava um evento de alcance mundial e, ao mesmo tempo, enfrentava uma ‘crise política e econômica’. Ou seja, conflitos existentes e mais mobilizações aconteceram, principalmente nas cidades que iriam acontecer jogos do mundial e, dessa vez, com o envolvimento de movimentos sociais e sindicatos nos principais chamamentos, porém os manifestantes apareceram em números menores.

O mundial aconteceu mesmo rodeado de insatisfação da sociedade que alegava que o país tinha problemas mais importantes para serem resolvidos. Frases como ‘Padrão FIFA’ era observado em cartazes, por exemplo. A frase referia-se à melhoria nos serviços públicos.

O cenário apresentado durante as eleições nacionais de 2014 foi de acirramento político. No primeiro turno apresentaram-se 10 (dez) candidatos à presidência da república, mas o centro das atenções girava entre três candidatos e seus partidos: Aécio Neves (PSDB), Marina Silva (PSB) e Dilma Rousseff (PT). Todos eles oscilaram nas pesquisas entre o primeiro, segundo e terceiro lugar.

Após as campanhas do primeiro turno, que foram regadas a polêmicas de

³ Programa Mais Médicos (PMM) – Programa social do governo federal, tendo como objetivo fixar atendimento médico (Brasileiros ou estrangeiros) a pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS) nas regiões mais carentes e municípios do país. Disponível em < <http://maismedicos.gov.br/conheca-programa> > acesso: 12 de janeiro 2019..

⁴ PEC 37 – Proposta de Emenda a Constituição, tem com intuito dá poder exclusivo a policia nas realizações de investigações criminais. Disponível em < <http://g1.globo.com/politica/pec-37-o-que-e-platb/>> acesso: 12 de janeiro de 2019.

⁵ Facebook – Lançado em 2004, foi fundado por Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, estudantes da Universidade Harvard, é uma rede social gratuita para os usuários, gerando lucros pela publicidade. O facebook apresenta ferramentas como fotos, vídeos, mensagens privadas, compartilhamentos, criação de página de eventos, dentre outros

candidatos e o governo de Dilma que tentava a reeleição e estava enfraquecido após inúmeras mobilizações e crítica, o primeiro turno aconteceu em 05 de outubro de 2014 e, como nenhum candidato atingiu maioria absoluta, um segundo turno foi convocado.

Disputou o segundo turno para presidência da república Aécio Neves candidato pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e Dilma Rousseff candidata à reeleição pelo Partido dos Trabalhadores (PT). O resultado do segundo turno mostrou quão acirrado foram às eleições e, mesmo com o enfraquecimento do atual governo e as pesquisas apontando a possível vitória da oposição, Dilma Rousseff foi reeleita com a maioria dos votos válidos, computando 51,65%⁶ (54.483.045 votos) dos votos contra 48,35%⁷ (50.993.533 votos) do seu adversário.

Depois do resultado do segundo turno, o partido PSDB do candidato e Aécio Neves entraram com recurso para uma auditoria alegando desconfiança na contagem dos votos e nas urnas eletrônicas, com base em denúncias que circularam nas redes sociais sobre o processo das eleições terem sido fraudulento. Além desse pedido, o partido também entrou com outro que seria para a cassação do registro da candidatura de Dilma Rousseff e do seu vice Michel Temer, alegando que as campanhas do PT foram pagas com dinheiro fruto da corrupção. Mesmo com esses pedidos, Dilma foi diplomada para assumir o seu segundo mandato em 01 de janeiro de 2015 e Aécio Neves afirmou em discurso no senado que seguiria sendo oposição fortemente e aceitando os resultados das urnas.

Dilma assume o seu segundo mandato ainda com maioria na aprovação do governo, porém com a realização de ajustes na economia, ajuste fiscal. Essa aprovação sofreu impacto e caiu consideravelmente. As cenas políticas e econômicas tornaram-se ainda mais desfavorável. A Lava Jato (operação iniciada em março de 2014 pela Polícia Federal que visa combater os casos de corrupção e lavagem de dinheiro) começa a investigar políticos que estão relacionados com os aliados do governo, tendo suspeita de corrupção na Petrobras.

A partir deste cenário, grupos de oposição ao governo, organizados inicialmente via redes sociais, como MBL (Movimento Brasil Livre), Revoltados Online, o Vem Pra Rua e grupos a favor do governo, como organizações sindicais, CUT (Central Única

⁶ Dados da apuração eleitoral. Disponível em <<https://www.eleicoes2014.com.br/>> Acesso:09 de janeiro de 2019

⁷ Dados da apuração eleitoral. Disponível em <<https://www.eleicoes2014.com.br/>> Acesso:09 de janeiro de 2019

dos Trabalhadores), movimentos estudantis, UNE (União Nacional dos Estudantes) e movimentos sociais, MST (Movimento Sem Terra), começam a sistematizar manifestações contrárias e favoráveis ao governo da ex-presidente Dilma. Essas manifestações iniciadas nos primeiros meses do ano de 2015 aconteceram durante todo o ano e ano seguinte, 2016.

A polarização entre os grupos estava explícita, demonstrando suas divergências e convergências. Os grupos e organizações estavam identificados e as pautas estavam evidenciadas. Os dois movimentos apresentavam-se defendendo o direito de estarem nas ruas manifestando, evidenciando a democracia e seu uso. Ambos colocavam-se contra a corrupção, mas os movimentos e suas mobilizações distanciavam-se nas maneiras de tratamento de suas pautas, enaltecendo um antagonismo em seus discursos, mesmo tratando pontos em comum. Abordagens em frases como ‘Fora Dilma’ e ‘Todo apoio a lava jato’ eram avistadas em cartazes e gritos de ordem em manifestações pró-impeachment, ao mesmo tempo em que nos atos contra o impeachment eram citadas frases ‘Moro + Globo = Golpe’, ‘#NãoaoGolpe’.

Nos movimentos contrários ao impeachment da ex-presidente Dilma, pojavam-se que o impeachment, mesmo sendo algo previsto na constituição brasileira, neste caso em específico estava servindo para a arquitetura de um “Golpe”, afirmando que o processo enfraqueceria a democracia, defendendo assim o governo Dilma. A corrupção foi tema abordado com a necessidade de serem investigados, porém criticavam o que afirmavam ser parcialidade da Lava Jato. A mídia tradicional (Hegemônica) foi também culpabilizada.

O movimento pró-impeachment, apresentava-se a favor do impeachment, alegando a legitimidade do processo, enfatizando que estava previsto em constituição e favoreceria a democracia. Em defesa da operação Lava Jato, apoio a juiz Sérgio Moro e a Polícia Federal (PF), juntamente com o Ministério Público (MP), o que enfatizava ainda mais o discurso contra corrupção, eram contrários ao Partido dos Trabalhadores (PT) e o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva.

PROTESTOS PRÓ-IMPEACHMENT E PROTESTOS CONTRA O IMPEACHMENT DA EX-PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF

Com o cenário apresentado, os protestos que ocorreram nos anos de 2015 e

2016 são correlacionados com as manifestações e contexto de crise político e econômico anteriormente apresentado. As 'Jornadas de Junho de 2013', o 'Não Vai Ter Copa' e eleições nacionais em 2014. Apontando principalmente as dinâmicas de protestos utilizadas, como o uso das redes sociais para divulgação e recrutamento, atores civis não relacionados a movimentos sociais saindo às ruas, variabilidade de pautas, dentre outros.

Os eventos de protestos têm início no ano de 2015. A primeira manifestação ocorreu em 13 de março de 2015 em 23 estados, envolvendo centrais sindicais, movimentos sociais e estudantis, abordando pautas centrais, contra o impeachment, em defesa do governo e da Petrobras. A manifestação contra o impeachment aconteceu dois dias antes das manifestações organizadas a favor do pedido de impeachment e em defesa da Lava Jato. Para o dia 15 de março de 2015, naquele que veio a ser o primeiro chamado para manifestações massivas por grupos organizados sem tradição da esquerda e que foi recebido com sucesso (TATAGIBA, TRINDADE, TEIXEIRA, 2015), afinal o retorno nas ruas foi significativo e mais de um milhão e meio de pessoas saíram em várias regiões e estados do país. Houve manifestações fora do país também, como nos Estados Unidos e Londres, para protestar contra o governo, pedindo o processo do impeachment contra o PT e defendendo a operação Lava Jato.

As manifestações continuaram a acontecer durante todo o ano de 2015, novas manifestações contrárias ao governo foram organizadas para 12 de abril de 2015, sendo o segundo ato de protestos. Dessa vez, o número de pessoas foi reduzido em comparação ao ato ocorrido no mês anterior, mas ainda muito expressivo, ocorrendo em 24 estados e no Distrito Federal. A reação do governo foi de resguardo para manter a imagem que estava desgastada, mas colocavam-se atentos às ruas.

Em 15 de abril centrais sindicais e movimentos sociais manifestaram-se em 23 estados e dessa vez levantavam a pauta contra ao projeto de terceirização do trabalho que estava sendo votado na câmara dos deputados. Esse mesmo projeto foi adiado no dia 15 e o Tribunal de Contas da União (TCU) declara crime de responsabilidade fiscal movimentações do tesouro, ou seja, as manifestações estavam ligadas direta ou indiretamente ao cenário de crise político e econômico.

O cenário nacional estava envolvido e rodeado de escândalos políticos, a operação Lava Jato iniciava novas fases e os casos de corrupção tomavam

notoriedade do público. As maiores construtoras e empreiteiras do país começaram a serem investigadas e seus presidentes são presos. Em outra fase o ex-ministro José Dirceu é acusado de lavagem de dinheiro, corrupção e foi preso. Eduardo Cunha, presidente da câmara dos deputados, rompe com o planalto após ser citado na operação.

Em 16 de agosto novos atos de protestos favoráveis ao impeachment acontecem em todos os estados do país. As pautas são relacionadas ao fim da corrupção, contrárias ao Partido dos Trabalhadores. A figura do ex-presidente Lula torna-se presente nos atos sendo retratada em bonecos infláveis grandes, vestido de presidiário, enquanto a figura do juiz Sérgio Moro é engrandecida e apoiada durante o protesto. Já em 20 de agosto, mais uma vez as centrais sindicais, movimentos sociais e estudantis em conjunto com partidos de esquerda unem-se para ato em São Paulo contra o impeachment, desfavoráveis ao ajuste fiscal e contra o presidente da câmara dos deputados Eduardo Cunha.

A crise política e econômica tomou novos ares. O Tribunal de Contas da União rejeita as contas de 2014 do governo, um novo pedido de impeachment é formulado pelos advogados, Janaína Paschoal, Hélio Bicudo e Miguel Reali Júnior, ex-presidente Lula recebe acusações de ter participado do processo de corrupção da Petrobras, o Partido dos Trabalhadores (PT) e aliados do governo perdem força e recebem acusações em casos de corrupção. Já em dezembro o PT abre votação contra o presidente da câmara de deputados, Cunha, no conselho de ética e logo após o deputado abre o processo de impeachment da ex-presidente Dilma. As relações do governo mostram-se enfraquecidas e o ex-vice-presidente Michel Temer escreve carta aberta a ex-presidente Dilma, o que piora a crise política no país.

O saldo das manifestações contrárias e favoráveis ao governo durante todo o ano de 2015 resultou em inúmeros atores saindo às ruas, eventos de protestos em todos os estados, enfraquecimento do governo, polarização política, apoiada em posições políticas assumidas em diferentes termos ideológicos em grupos pró e contra o impeachment, além de alimentar o desejo da oposição do governo de levar o pedido do impeachment até o ano seguinte (2016).

No último mês do ano ocorreram ainda mais manifestações a favor do impeachment, no dia 13 de dezembro, os atos aconteceram em todos os estados. As manifestações ocorreram depois que o pedido do impeachment ter sido acolhido pela câmara de deputados, obteve adesão menor que os anteriores do mesmo ano.

No dia 16 de dezembro de 2015, em mais de 23 estados, em defesa do governo e pedindo o afastamento do presidente da câmara dos deputados, Eduardo Cunha (PMDB), contra a corrupção e pelo fim do ajuste fiscal.

O ano de 2016 inicia-se com a continuação de um cenário político e econômico conturbado. Novas fases da operação Lava Jato levam grandes nomes da política e do empresariado a prestar depoimento, nomes como o do ex-presidente Lula, que foi conduzido coercitivamente pela Polícia Federal.

No dia 13 de março de 2016, aconteceu o que foi considerado o maior ato político nacional, com registro de protestos contra o governo Dilma (PT), contra o Partido dos Trabalhadores e o ex-presidente Lula, em defesa do juiz Sérgio Moro e aconteceu em todos os estados do país, capitais e outras regiões. No dia 18 de março, centrais sindicais e movimentos sociais mobilizam-se em mais um ato contra o impeachment da ex-presidente Dilma, contra corrupção e em defesa do ex-presidente Lula.

Nos meses seguintes do ano de 2016 aconteceram mais três atos pró o impeachment da ex-presidente Dilma, nos meses de março (18/03), abril (17/04) e julho (31/07), as manifestações também defendiam a operação Lava Jato, defesa do juiz Sérgio Moro, contra a corrupção, com homenagens a Polícia Federal e ao Ministério Público. Em contrapartida, também aconteceram manifestações contra o impeachment, nos meses de março (31/03), abril (17/04) e no mês de agosto (29/08), organizadas por movimentos sociais, centrais sindicais, em defesa dos ex-presidentes Dilma e Lula, contra a corrupção, pelo fim do ajuste fiscal, dentre outras bandeiras. Durante o ano de 2016 os protestos se intensificaram nas ações e foi também uma forma de resposta ao cenário que foi apresentado, seja por conta da aceitação do impeachment da ex-presidente ou pelo afastamento do então presidente da câmara Eduardo Cunha. O que acontecia nos cenários político e econômico respingava nas ruas e os a gentes e movimentos envolvidos tratavam de difundir os temas para melhor chegar aos seus propósitos.

RECURSOS APRESENTADOS DURANTE OS PROTESTOS POR AMBOS OS GRUPOS

Os protestos pró e contra o impeachment da ex-presidente Dilma, denotaram-se em dois grupos/movimentos distintos, a começar pelos interesses que levavam os

envolvidos as ruas. Cada movimento defendia pautas diversas, mas – ao mesmo tempo – também apresentaram pautas em comum, com abordagens diferentes. O comportamento nas ruas de inúmeros participantes dos movimentos tornou singular cada manifestação, ou seja, as características apresentadas identificavam os grupos, desde as cores utilizadas, até mesmo os locais e percursos traçados em cada protesto.

Os primeiros protestos aconteceram no início do ano de 2015 perpassaram todo o ano e tiveram continuidade no ano seguinte de 2016, o que significa a maior influência durante os protestos, que surgiu para defesa da ex-presidente Dilma e para o pedido de impeachment da mesma. Ou seja, os protestos aconteceram e se intensificaram perante o cenário político e econômico e durante o rito do impeachment que foi aceito.

Ao observar como os protestos são aderidos enquanto repertório de ação pelos grupos envolvidos e como cada ação é carregada de simbolismo e significado demonstrando o que os atores relacionados almejavam, por exemplo, em frases de cartazes e faixas, em gritos de ordem, assim denotava-se o enredo de como cada manifestação aconteceria, sendo assim mostrando que o impeachment da ex-presidente Dilma começou a ser discutido antes mesmo de ser protocolado de fato.

MOVIMENTOS PRÓ-IMPEACHMENT

Os grupos identificados como lideranças nos protestos pró-impeachment da ex-presidente se caracterizam por ter um pensamento voltado ideologicamente ao liberalismo, identificavam-se como apartidários, de ‘direita’ e com ramificações de membros em todo o país. Afirmaram também que para manter o movimento, arcando com os gastos, colocaram que recebiam doações de membros e conhecidos e – até mesmo – organizavam a venda de ‘quites’ para compor o visual dos protestos, como camisetas e adesivos. Os três movimentos que mais se destacaram nas organizações nacionais dos atos foram o Movimento Vem Pra Rua, Revoltados Online e o Movimento Brasil Livre (MBL), compostos – em sua maioria – por jovens com grande envolvimento no uso das redes sociais.

O MBL, Movimento Brasil Livre⁸, foi criado no ano de 2014 e foi um dos novos

⁸ Site do Movimento Brasil Livre (MBL)
<<http://mbl.org.br/>> Acesso:22 de janeiro de 2019

movimentos sem tradição à esquerda, a se destacarem na organização dos protestos pró o impeachment. Caracteriza-se por seu cunho ideológico liberal, é favorável a privatizações e liberdade econômica, tem também como característica a oposição feita ao PT, o antipetismo, apontando que o partido é um dos grandes responsáveis pelos esquemas de corrupção ocorridos no país.

O MBL afirma que seus recursos financeiros são obtidos através de doações de participantes e conhecidos pela venda de materiais como canecas, camisas, dentre outros. É composto na sua maioria por jovens, sendo uma das suas maiores lideranças o Kim Kataguirí (22 anos e eleito deputado federal pelo estado de São Paulo em 2018 pelo partido Democratas - DEM). Tem atuação forte no uso das redes sociais, atuando também durante os protestos pró-impeachment, com a criação de páginas de eventos no *Facebook* para a divulgação dos atos, por exemplo, o MBL está presente nas redes sociais, como o *Facebook*, *Twitter* e *YouTube*, com números de seguidores grandiosos.

Revoltados Online foi fundado em 2004 e é liderado por Marcello Reis, inicialmente com o objetivo de identificar pedófilos nas redes, mas depois aderindo viés político, durante os protestos pró-impeachment, o movimento alimentou as redes sociais com publicações contra o governo, sua principal rede utilizada foi o Facebook, ostentando mais de 800 mil seguidores. O movimento apresentou-se – durante todo o processo do impeachment – contrário ao governo e favorável a Jair Bolsonaro. O financiamento do movimento foi através de “Kits pró-impeachment”. O movimento teve sua página de *Facebook* suspensa e atualmente utiliza de blogspot, “REVOLTADO ON LINE Somos os percursoros do Impeachment de Dilma Rousseff e Lula na cadeia, fomos censurados sumariamente pelo *Facebook*, mas estamos no front de combate à corrupção e pedofilia⁹”.

E o terceiro movimento que se destacou foi o Movimento Vem Pra Rua¹⁰. O movimento teve início no ano de 2014, identifica-se enquanto um movimento suprapartidário, espontâneo e defende a redução do Estado. O Vem Pra Rua também foi o movimento que menos se envolveu com as pautas políticas, apesar de participar de todas as manifestações, apoiou-se na causa contra a corrupção. O seu

⁹ Blog REVOLTADO ONLINE <<https://revoltadosonline.blogspot.com/?view=classic>> Acesso: 22 de janeiro de 2019

¹⁰ Site do movimento Vem Pra Rua <<https://www.vemprarua.net/>> Acesso: 22 de janeiro de 2019

financiamento é apoiado por doações de membros envolvidos, conhecidos e simpatizantes.

Esses movimentos que lideraram na maioria das capitais e regiões aonde aconteceram os protestos destacaram-se nas ruas com os arcabouços simbólicos utilizados. Os recursos simbólicos mais difundidos entre os movimentos que se identificavam pró-impeachment, foram o uso das cores verde e amarelo, cores da bandeira nacional, seja nas vestimentas ou em faixas, em carros de som. Além dos gritos de ordem e discursos inflamados, contrários ao governo o hino nacional era tocado e cantado.

Para demonstrar insatisfação com o ex-presidente Lula e o seu partido (PT), também reforçando as investigações da Lava Jato, eles utilizavam de bonecos infláveis gigantes com a caricatura do ex-presidente trajando vestimentas de presidiário. Esse boneco gigante ganhou o nome de PIXULECO, que referia-se como título de mais uma fase de investigação da Lava Jato. Também tinham bonecos com a figura da ex-presidente Dilma e a de um pato amarelo, que corresponde a uma campanha da FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), “Não vou pagar o pato”, contra o aumento dos impostos. Esse pato de borracha foi colocado no protesto que aconteceu no mês de março na avenida paulista em São Paulo, tomando o significado do ‘pato do impeachment’. Além de todos esses recursos simbólicos, a quantidade de pessoas que saíram às ruas também foi algo impressionante. Atos foram considerados com os maiores fluxos de pessoas/participantes da história recente do país.

MOVIMENTOS CONTRA O IMPEACHMENT

Os protestos contrários ao impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, foram organizados por movimentos que já tinham certa tradição de ações coletivas e com vertente ideológica ligada à esquerda brasileira. Os atores presentes nos protestos – em sua maioria – eram integrantes de algum movimento, porém também tinha uma massa significativa de atores civis não vinculados a movimentos.

Os atos contra o impeachment da ex-presidente também se espalharam por todo o país, organizados inicialmente por movimentos sociais e centrais sindicais distintos, em defesa do governo da ex-presidente Dilma, contra a corrupção, contra o ex-presidente da câmara de deputados Eduardo Cunha, em defesa do ex-

presidente Lula, pelo fim do ajuste fiscal, pela não retirada de direitos e julgando parcialidade nas investigações da Lava Jato e no Juiz Sérgio Moro.

Logo após as primeiras mobilizações iniciadas em primeiro momento sem um bloco que unia a esquerda, mas com a presença de várias bandeiras durante os primeiros atos, os grupos decidem por lançar duas frentes de união de partidos e organizações de esquerda com a finalidade de proteção e afirmação das pautas que já vinham sendo difundidas, sejam elas nacionais ou regionais. Essas duas frentes foram intituladas como Frente Brasil Popular e Frente Povo Sem Medo.

A Frente Brasil Popular¹¹, foi formada em 2015, é composto por movimentos sociais, centrais sindicais e partidos, dentre eles a CUT (Central Única dos Trabalhadores), CTB (Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil), UNE (União Nacional dos Estudantes), UJS (União da Juventude Socialista), LPJ (Levante Popular da Juventude), MST (Movimento Sem Terra), Pastorais Sociais, PCdoB (Partido Comunista do Brasil) e Mídia Ninja. Tendo estes movimentos tradições de lutas à esquerda e objetivos específicos a serem difundidos. Além da pauta central que eram contrários ao impeachment e o classificavam como ‘Golpe’, outras pautas também eram levantadas, como defesa e melhorias dos direitos dos trabalhadores, defesa da soberania nacional, contra o ajuste fiscal, dentre outros. A Frente Brasil Popular se organizou no âmbito nacional e regional. O financiamento é obtido a partir das organizações em conjunto.

A Frente Povo Sem Medo¹², também foi criada no ano de 2015, é formada por movimentos sociais, partidos e sindicatos. Tem como objetivo ir de encontro à onda da direita no Brasil, considerava-se oposição de esquerda ao governo Dilma e – mesmo assim – estava em conjunto com a Frente Brasil Popular nas mobilizações contra o impeachment, também o classificando enquanto ‘Golpe’. Os movimentos sociais e sindicais que compõe a Frente Povo Sem Medo, são a UNE, UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), MSTs (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), BPs (Brigadas Populares), UNEGRO (União de Negros Pela Igualdade), CTB, CUT e partidos como o PSOL (Partido Socialismo e Liberdade). Alguns

¹¹ Site da Frente Brasil Popular <<http://frentebrasilpopular.org.br/>>
Acesso: 23 de janeiro de 2019

¹² Página do Facebook nacional da Frente Povo Sem Medo, com mais de 150 mil seguidores.
<<https://www.facebook.com/povosemmedonacional/>>
Acesso: 23 de janeiro de 2019

movimentos participam de ambas as frentes nacionais. Seu financiamento também está ligado aos movimentos participantes.

As duas Frentes mobilizaram em todo o país protestos contrários ao impeachment, levando um número de pessoas significativo, mas em menor número, se comparado às mobilizações favoráveis ao impeachment. Porém os atos foram massivos e contínuos. O uso das redes sociais pelas frentes foi algo recorrente, usava de páginas no *Facebook*, criação de eventos, para melhor divulgação dos projetos que os mesmo estavam montando.

As representações simbólicas dos grupos eram feitas através dos recursos utilizados pelos participantes, materiais como carros de som, com discursos de lideranças dos movimentos e gritos de ordem, bandeiras de partidos e movimentos (PSOL, PCdoB e CUT, por exemplo), faixas, com frases “Defender Dilma é defender a democracia, #Não vai ter Golpe#”, cartazes, tintas, camisas e chapéus de partidos e de movimentos, instrumentos musicais como tambores. Em sua maioria, os integrantes e as bandeiras utilizadas ostentavam a cor vermelha e em alguns lugares, durante as mobilizações, houveram ruas fechadas com bloqueios de pneus queimados, além de – na maioria dos atos – acontecerem passeatas, com itinerário traçado pela organização anteriormente ao ato.

Todo esse cenário nos possibilita a melhor visualizar como os protestos decorreram, desde a opção dos movimentos por optarem por protestos públicos, locais e datas, os agrupamentos de movimentos formados que se envolveram nas organizações com tradição à esquerda, os novos movimentos com vertente ideológica à direita, aos recursos simbólicos utilizados em cada mobilização e as formas que cada grupo expressou para chegar à defesa da sua finalidade.

PROTESTOS EM SERGIPE

No estado de Sergipe – assim como em quase todos os estados brasileiros – ocorreram protestos pró e contra o impeachment, os protestos foram massivos, e organizados pelos movimentos nacionais com base no estado, além de outros movimentos que se agruparam. Os movimentos participavam das mobilizações e até mesmo estavam em conjunto com as organizações regionais e nacionais. Por residir no estado tive a oportunidade de participar de alguns protestos na capital Aracaju, sendo eles três contra o impeachment (31 de março de 2016 – Praça general

Valadão/ Bairro industrial e 17 de abril de 2016 – Arcos da Atalaia) e um favorável (13 de março de 2016 – Orla de Atalaia). Sendo assim, pude observar o desenrolar destes protestos.

Nos movimentos favoráveis ao impeachment, outros movimentos além de nacionais também se envolveram no estado de Sergipe, grupos como: Basta, Liberte-SE, Direita Sergipana, Juventude Conservadora de Sergipe e Sergipe com

Jair Bolsonaro. Estes ressaltaram o cenário dos protestos contra o impeachment, além da participação das organizações regionais do Movimento Vem Pra Rua e o MBL. Os protestos apresentaram recursos simbólicos seguindo a tendência nacional do uso da vestimenta em verde e amarelo, declamação do hino nacional e o uso de carros de som com discursos de lideranças, dentre outros. As pautas abordadas também condiziam com as nacionais, mas com algumas regionais também, como, por exemplo, 'Fora Jackson', referindo-se ao ex-governador do estado.

Em movimentos contrários ao impeachment, foi demonstrado o envolvimento de frentes nacionais com representações regionais (Frente Brasil Popular/ Sergipe) que deliberaram os protestos acontecidos no estado, juntamente com organizações estaduais como a USES (União dos Estudantes Secundaristas de Sergipe). As pautas também combinavam com as difundidas nacionalmente e os materiais simbólicos continuavam com o uso de vestimenta de cor vermelha, bandeiras, faixas e dentre outros. O estado de Sergipe não fugiu a tendência nacional e também apresentou inúmeras mobilizações.

Por fim, o processo do impeachment seguiu todas as etapas previstas em constituição, aceito pelo ex-presidente da câmara Cunha, aberto em 02 de dezembro de 2015. O pedido passa por análise e segue para votação na câmara dos deputados em 17 de abril de 2016, autorizando a continuação do processo. No senado o pedido é tratado por uma comissão que avalia para que tenha continuidade. Aprovado por maioria dos senadores, o impeachment é firmado. Em 12 de maio de 2016 a então presidente Dilma é afastada do cargo por 180 dias, assume interinamente o seu vice Michel Temer.

No dia 4 de agosto de 2016 o processo passa para o presidente do supremo e – por votação – é decidido que Dilma cometeu crime de responsabilidade e continua o julgamento. Novamente acontece uma votação no senado sobre o parecer e é aprovado, dando continuidade ao processo em julgamento com defesa e acusação e

em mais uma votação pelo senado, Dilma é afastada do cargo definitivamente e em 31 de agosto de 2016, o vice-presidente Michel Temer assume o cargo de presidente da república, até o fim do seu mandato em 2018.

Finalizando este capítulo é possível compreender, a partir da cronologia dos eventos, que os protestos aconteceram antes, durante e depois do processo do impeachment. A cena estadual acompanhou a cena nacional, envolvida no contexto de crise política e econômica. O impeachment marcou o cenário político brasileiro, nos anos de 2015 e 2016, além de escrever mais linhas inéditas na história política brasileira, sendo Dilma a primeira mulher eleita presidente do Brasil, foi a segunda a ser impedida de terminar o seu cargo através de um processo de impeachment. Demonstrando também que a sociedade brasileira tem seguido uma tendência desde as 'jornadas de junho de 2013', a ações coletivas e com formas de repertório de ação significativas, optando – em sua maioria – por protestos públicos, aderindo novas ferramentas para recrutamento e divulgação, além da inserção de novos grupos a compor os cenários políticos brasileiros.

CAPÍTULO 3: A ÓTICA DOS ENVOLVIDOS

A pesquisa aqui apresentada ressaltou o histórico recente brasileiro de ações coletivas e protestos públicos, enfatizando os protestos acontecidos após as 'jornadas de junho de 2013', os protestos pró e contra o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, trazendo a cronologia dos atos, compreendendo a ligação dos contextos apresentados e como os protestos públicos foram familiarizados pela sociedade brasileira a fim de levar ao debate ou enfrentamento das causas públicas. Além de evidenciar a variabilidade de pautas que foram abordadas por ambos os movimentos envolvidos e como as ferramentas foram aderidas e utilizadas, apresentando significado, por cada movimento como, por exemplo, o uso das redes sociais enquanto ferramenta de divulgação e recrutamento de atores políticos.

Para tanto, a pesquisa rodeou-se de aprofundamento teórico e perpassou pelos fatos acontecidos. Ao analisar a relação entre as redes sociais e os protestos ocorridos entre 2015 e 2016, foi demonstrado como os adventos das redes sociais modificaram alguns aspectos nas organizações de movimentos e engajamento político online, fazendo um levantamento de datas, quantidade, locais, itinerários, repertório de ações, lideranças e organizações.

É possível observar a relação desta tomada das ruas com as 'jornadas de junho de 2013', que também teve participação protagonista das redes sociais, demonstrando diferentes aspectos de respostas, aceitação ou recusa, além das diferenças numéricas de participação online e participação do protesto em si. É possível notar a adesão dos movimentos sociais e organizados às redes sociais para divulgação e recrutamento, além de forte adesão para quebra de informação, exposta apenas pelas mídias hegemônicas sobre os protestos. Com a adesão das redes sociais os fatos acabaram também sendo contados por aqueles que eram também participantes dos protestos, usando as imagens para divulgação ou até mesmo para denúncias de violência cometidas pelo estado.

Tendo em vista as dimensões que os protestos tomaram nos âmbitos nacionais e regionais, foi feito um recorte na análise dos movimentos que mais se destacaram nas redes sociais no estado de Sergipe, que foram as páginas do Movimento Brasil Livre e a Frente Brasil Popular – Sergipe. O uso das redes possibilitou apontamentos para elaboração dos roteiros semiestruturados de entrevistas, visou obter respostas

que mostrem as dinâmicas de formação e utilização das redes sociais e qual a percepção dos entrevistados e dos movimentos sobre essa nova ferramenta, além da fomentação nas literaturas que abarcam esse tema.

Foram realizadas três entrevistas, sendo duas delas com integrantes contra o impeachment da ex-presidente Dilma e uma com um integrante pró-impeachment, além de sondagens nas páginas do *Facebook* do Movimento Brasil Livre e Frente Brasil Popular - Sergipe, tornando possível fazer algumas comparações entre os movimentos e o modo que eles utilizam. Como semelhança é notável que o uso das redes sociais servem como meio de divulgação e engajamento dos movimentos.

A primeira entrevista foi realizada com um estudante, 22 anos, integrante do Levante Popular da Juventude (LPJ) e do Diretório Central dos Estudantes (DCE-UFS). A entrevista foi marcada via *facebook*, a aceitação foi rápida e a entrevista foi realizada na Universidade Federal de Sergipe, na área externa do DCE (Diretório Central dos Estudantes). Teve duração média de vinte minutos, sendo uma entrevista leve e o entrevistado respondeu – sem hesitar – todas as perguntas feitas, desde as perguntas mais pessoais ou sobre o movimento.

Durante a entrevista ele abordou sobre o uso das redes sociais e apontou que essa nova ferramenta em potencial vem desde as manifestações de 2013, além de evidenciar como funções das redes e mídias alternativas como: Mídia Ninja, Expressão Sergipana e jornalistas Livres, que servem para potencializar a comunicação. Ressalta que as mídias são “Uma contribuição na luta contra o ‘golpe’”.

O entrevistado também coloca que é possível compreender as estratégias de visibilidade das redes sociais. Quando perguntado como são feitas as decisões do que será postado, se existem diferenças entre as imagens postadas ou textos, como acontecem às interações?

“Têm orientações de modelos nacionais, então quando vai ter, por exemplo, vai ter um ato, tem geralmente modelos que nacionalmente a gente tá colocando e a gente também parte de um pressuposto de modelo que enfim nos estados também são, tem uma influência [...] São coletivos estaduais e nesse sentido, a gente tem liberdade de bolar alguma estratégia em relação à comunicação, com relação a um ato, por exemplo, vamos supor que aqui no estado a gente ache que é interessante um evento sobre algum fato e tal, então fazemos o evento, mas tem modelos das artes [...] A gente geralmente trabalha com arte diagramada e tal, usando foto que são aqueles ‘cartazinhos’ que chama, para chamar para um ato e tal, geralmente com um textinho. Então a análise que a gente faz assim dentro do movimento que é só o texto ele tem um impacto limitado, tanto tem haver com a psicologia, que vão olhando ali a linha do tempo e param muito mais em imagens ou vídeos curtos do que no texto puramente, então tem essa

avaliação.” (Estudante, 22 anos e membro do Levante Popular da Juventude).

E quando perguntado quais são as redes sociais que o movimento mais usa, o entrevistado expõe que:

“Essas todas assim, instagram, whatsapp, facebook, principalmente, que ajudam um pouco a difundir, a gente ainda tem muita limitação até porque as massas elas mais acessam [...] essas mídias acabam dando oportunidade de chegar em uma galera que talvez a gente não chegasse antes, enfim que tem alguma limitação de certa forma tem ganhado muito espaço e ai não só em relação a atos mas até em campanhas eleitorais[...].” (Estudante, 22 anos e membro do Levante Popular da Juventude).

Por fim, no decorrer da entrevista o entrevistado colocou que os compartilhamentos, usos de imagens e textos, são as ferramentas utilizadas. Ele demonstra que o movimento no qual faz parte, organiza a comunicação enquanto coletivo e comissões, tendo um modelo nacional e estadual de comunicação que definem o que será compartilhado nas redes. Também citou que quando as páginas se colocam para a conjuntura política atual, fica mais movimentada e isso é expresso em número de curtidas e compartilhamentos. Mas também ressalta que as redes sociais, como o *Facebook*, *Instagram* e *Whatsapp*, têm uma limitação de público, que não tem acesso à internet e levanta que o trabalho central deles não consiste nas redes sociais e sim no ainda trabalho de base e métodos de mobilização aprendidos com movimentos como Movimento Sem Terra (MST) com distribuição de panfletos (panfletagem).

A segunda entrevista foi realizada com mais um estudante, 18 anos, também marcada via *Facebook*, se disponibilizou com facilidade, integrante do centro acadêmico de Farmácia UFS, do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), então diretor da União Nacional dos Estudantes (UNE) e participante da diretoria estadual da União Juventude Socialista (UJS). A entrevista durou – em média – quinze minutos, ocorreu numa sala da Universidade Federal de Sergipe e ocorreu com tranquilidade.

Ele desenvolveu suas respostas também comentando que o marco do uso das mídias sociais são as jornadas de Junho de 2013, analisa que os movimentos nos quais ele faz parte organizam a parte das redes sociais a partir da secretaria de comunicação, acordando o que será compartilhado e divulgado nas páginas. Para ele “as redes sociais são o campo da política” e a militância online se organiza em dias e horas para uma enxurrada de compartilhamentos e propagação da imagem ou texto:

“Mas, hoje a grande ferramenta de divulgação e ideias, de argumentos e até de você convidar as pessoas para participarem de alguma coisa, parte das redes sociais”. (Estudante, 18 anos e membro do Centro acadêmico de Farmácia, PCdoB, UJS e UNE).

Enfatiza também que as redes sociais são mais uma alternativa que vai de encontro às mídias tradicionais hegemônicas. Porém não deixa a alternativa de trabalho de base, distribuição e propagação das ideias dos movimentos através de panfletos, carro de som e etc.

O terceiro e último entrevistado foi o vendedor, 25 anos, residente na cidade de Aracaju, porém a entrevista foi realizada no interior do estado de Sergipe, na cidade de Salgado, na casa dos pais dele. A entrevista durou – em média – vinte e quatro minutos e o entrevistado se disponibilizou a responder todas as perguntas. A entrevista foi marcada inicialmente no *facebook* e depois continuamos a conversa via *whatsapp* para acertarmos dia, hora e local, se mostrou extremamente disponível.

O entrevistado é integrante da coordenação da Direita Sergipana, Instituto Liberal de Sergipe e Sergipe com Jair Bolsonaro e estava envolvido nos protestos a favor do impeachment da ex-presidente. No tempo da entrevista enfatizou que o uso das redes sociais perpassa pelo cotidiano até o levantamento da pauta política:

“A gente usa né no dia a dia, trabalho, usa dia a dia entrar em contato mesmo com a família que hoje é um meio mais fácil, mas ultimamente é uma forma de lutar até pelos nossos direitos”. (Vendedor, 25 anos, integrante do movimento Direita Sergipana, Instituto Liberal de Sergipe e Sergipe com Jair Bolsonaro).

Ele também relata que as redes sociais causam um engajamento político, além da divulgação que seguia como convite, durante os protestos pró-impeachment destacando-se o *Facebook* e *Whatsapp* que serviram de instrumentos para marcar encontros e divulgação. Quando perguntado sobre se o uso das redes sociais possibilitou maior engajamento durante os protestos pró-impeachment:

“Com certeza, geralmente além dos protestos que teve de grande porte, nós fazemos encontros, reuniões para discutir possibilidades do que a gente pode fazer não só para melhorar município, estado e a nível nacional [...] E utilizamos naquele momento o *Whatsapp* e o *Facebook* que era onde marcavam os eventos [...] Assim o engajamento em si, era pouco, mas o pouco que tinha ele convidava mais pessoas e mais pessoas participavam do evento, através do movimento das redes sociais é tanto que teve eventos de ter confirmação de 500 pessoas que foi o da Orla e chegou a ter 15.000 pessoas presencial no dia e não teve outro meio de comunicação a não ser alguns sites que publicou as informações, mas o forte mesmo foram as redes sociais.” (Vendedor, 25 anos, integrante do movimento Direita Sergipana, Instituto Liberal de Sergipe e Sergipe com Jair Bolsonaro).

Já ao relatar sobre a administração das páginas ele coloca que não existe um comando, existe sim um grupo de pessoas que demonstram estarem interessados e engajados na causa, tornam-se administradores e a escolha do que vai ser vinculado é livre, porém tem o controle de acesso observando a quantidade de acessos. Aponta também que a maior página do estado que eles administram é a Sergipe com Jair Bolsonaro. Para ele, as redes sociais estão servindo de acesso à informação para a população, causando interesse político.

A escolha por entrevistas semiestruturadas está relacionada à forma de sondagem e inserção aos contextos, levando também em consideração as mudanças apresentadas pelos entrevistados, enfatizando o diálogo (MAY, 2004). Tais entrevistas possibilitaram escutar e observar o ambiente e as suas características pelo olhar dos atores envolvidos. Sendo feita as três entrevistas acima citadas e que proporcionaram melhores análises juntamente com os outros dados recolhidos.

Portanto, é possível levantar algumas conclusões a partir dos dados levantados (catalogação de sites, entrevistas semiestruturadas e análise bibliográfica do tema) nesta pesquisa, observando as contribuições diferentes que o advento das redes sociais causou e causam nos protestos, ao ponto que é tomada como recurso simbólico para divulgação e discursão, tornando através das páginas vinculadas, locais para se pensar e debater assuntos políticos, sociais, além do engajamento e organizações dentro do próprio movimento com o foco nas redes sociais. Além de respostas rápidas/online, demonstrações de aceitação e recusa o que modifica o cenário de interação entre os atores. Acompanhando também o contexto ao quais os protestos estavam envolvidos e foram utilizados de maneira simbólica por movimentos como resposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o que foi apresentado até o momento nesta pesquisa, é necessário atentar-se ao desenvolvimento do que foi proposto. A pesquisa rodeia as ações coletivas, os movimentos sociais e seus derivados. O recorte foi feito nos anos de 2015 e 2016 tratando o contexto nacional e seguindo o contexto também apresentado no estado de Sergipe dos protestos pró e contra o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, correlacionando com os últimos acontecimentos de eventos de protestos no Brasil.

A explanação do tema demonstrada durante o desenvolvimento do trabalho buscou rodear todo o cenário, desde o aprofundamento teórico para melhor fixar os entendimentos sobre o assunto. A metodologia utilizada para compreender como os protestos aconteceram como as pautas foram tratadas perante a polarização apresentada pelos movimentos, como os recursos foram utilizados pelos movimentos e como as redes sociais foram aderidas e com significados para cumprir os objetivos de cada movimento e atores envolvidos. Para isso, foi utilizado mapeamento em jornais online, o que possibilitou fazer um traçado dos protestos acontecidos, demonstrando o aparato que foi usado e as formas que os manifestantes estavam inseridos.

A correlação das 'Jornadas de Junho de 2013' com os protestos públicos posteriores está evidenciada nas formas aderidas pelos movimentos e atores envolvidos, sejam elas na variabilidade de pautas apresentadas ou até mesmo a continuidade de algumas delas que também foram citadas em 2013, como, por exemplo, a pauta contra corrupção e a pauta contrária ao governo da ex-presidente que tomou força e desencadeou em protestos massivos. Seja também no uso das redes sociais ou no surgimento de novos grupos e atores, tirando a ideia de que a sociedade é amorfa e apática ao contexto apresentado pelo país, (GOHN, 2014).

Elucidando o papel das redes sociais, foi possível compreender como a abertura e acesso das redes proporcionou um novo canal diverso de acesso e debate político, possibilitando a entrada e surgimento de novos grupos, que vão de encontro a espaços já tradicionais, porém os grupos que apresentam uma tradição de mobilizações também aderem às redes enquanto ferramenta.

Portanto, esta pesquisa propôs uma análise dos protestos no histórico recente do Brasil, analisando o envolvimento dos protestos com os movimentos, a relação mútua pelo qual os movimentos sociais assumem os protestos como forma de contestação e também para causar impactos com os recursos utilizados (JASPER, 2016), e a relação com o uso das redes sociais, possibilitando um novo espaço para debate político, divulgação e chamamento dos protestos. É importante também ressaltar que a pesquisa ainda não apresenta um total de conclusões, porém – como exposto acima – alguns pontos já apresentaram análises e tem-se a necessidade de maior aprofundamento na área. Para tanto, pretende-se dar continuidade a mesma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Angela et al. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. **Lua Nova**, v. 76, n. 49-86, 2009.

AVRITZER, Leonardo; FILGUEIRAS Fernando. **Corrupção e controles democráticos no Brasil**. CEPAL. Escritório no Brasil/IPEA, 2011.

BEZERRA, Marcos Otávio. **Estado, Representação política e corrupção: Um olhar antropológico sobre a formação de fronteiras sociais**. *Crítica e Sociedade: revista de cultura política*. v.2, n.2, Dossiê: Cultura e Política, dez.2012.

BECKER, Howard. S. **Métodos e técnicas pesquisa em ciências sociais**. Hecitec, 3°. Ed. São Paulo, 1997.

FILGUEIRAS, Fernando. **A tolerância à corrupção no Brasil: uma antinomia entre normas morais e prática social**. *OPINIÃO PÚBLICA*, Campinas, vol. 15, nº 2, Novembro, 2009.

GOHN. Maria da Glória. **História dos Movimentos e Lutas Sociais – A Construção da Cidadania dos Brasileiros – 5ª ed.** – São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GOHN. Maria da Glória. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

JASPER, James M. **Protesto: Uma introdução aos movimentos sociais**. Tradução Carlos Alberto Medeiros – 1.ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

MAY, Tim. **Entrevista Métodos e Processos**. In_. *Pesquisa Social Questões, Métodos e Processos*. Porto Alegre Artmed, 2004.

MENDES, Vinicius. **“Junho de 2013 é um mês que não terminou”, diz socióloga**”. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44310600>>. Acesso em 08 de janeiro 2019.

OLIVEIRA. Wilson José. **Antropologia, Política e Etnografia: entre fronteiras disciplinares e problemas empíricos**. In.: PERISSINOTTO, R; CODATO, A. *4Metodologias no Estudo de Grupos Dirigentes*. Curitiba, EDUFPR, 2015ª.

OLIVEIRA. Wilson José. **Etnografia Política da Defesa de Causas Públicas**. Brasília. Projeto de Pesquisa de Produtividade do CNPq, 2015b, p. 1-16.

OLIVEIRA. Wilson José; SANTOS, Adrielma S. **Eventos de Protesto e Dinâmicas de Construção de Causas Públicas: a campanha do Transporte coletivo como uma Causa Pública**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 17, 2015, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Porto Alegre, UFRGS, 2015, p. 1-21. Disponível em<<http://automacaodeeventos.com.br/sociologia2015/sis/inscricao/resumos/0001/R1226-1>> PDF Acesso em 10 de novembro de 2015b.

POWER, Timothy, J.; GONZALEZ, Júlio. **Cultura política, capital social e**

percepções sobre corrupção: uma investigação quantitativa em nível mundial. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 21, p. 51-69, nov. 2003.

SANTOS, Adrielma. Co-autores OILVEIRA, Wilson José F. e SANTOS Jonatha V. **“Jovens e militantes: Movimento Estudantil Universitário, juventudes partidárias e “improvisação” como forma de Ação Coletiva”**. 39º APONCS. P – 1-29. 2015.

SILVA, Marcelo Kunrath. **#vemprarua: o ciclo de protestos de 2013 como expressão de um novo padrão de mobilização contestatória?** In: CATTANI, Antônio D. (Org.). #protestos análises das ciências sociais. Porto Alegre, TOMO, 2014, p. 9-19.

SILVA, Marcos F. Gonçalves. **A economia política da corrupção, Estudos Econômicos da Construção.** São Paulo, 1996.

TARROW, Sidney. **O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político.** Tradução de Ana Maria Sallum. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TATAGIBA, L. TRINDADE, T. TEIXEIRA, Ana Claudia C. **“CorruPTos”**. Núcleo de Pesquisa em Participação, Movimentos Sociais e Ação Coletiva (NECAP-UNICAMP). P- 1-29. 2015.

VILAÇA, L.H. BULOW, M.V. ABELIN, P. **“Aprendendo a Usar o Facebook: O movimento estudantil no Chile e o ativismo digital”**. 39º ANPOCS. p – 02-26; 2015.

WARREN-SCHERER, Ilse. **“Dos Movimentos sociais as manifestações de rua: O ativismo brasileiro no século XXI”**.

WARREN-SCHERER. Ilse. **“Redes de Movimentos Sociais”**. 5ª Edição. São Paulo. Editora LOYOLA, 2011.